



Opinião Econômica

Marcos de Vasconcellos

Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado



O Brasil dos bancos, sob a ótica do Nobel

Cinco das 10 maiores empresas do Brasil são bancos, situação só vista no Canadá entre grandes economias

Cinco das dez maiores empresas do Brasil são bancos. Entre as dez maiores economias do mundo (somos a décima, a medir pelo PIB), essa concentração do setor financeiro no topo da escala econômica se repete unicamente no Canadá, com sete representantes na lista.

Nos Estados Unidos, não há um banco no “top 10”; na China e na Índia, são quatro. Na Alemanha e no Japão, dois. Sempre medindo pelo valor de mercado, que é o preço das ações multiplicado pelo número de papéis.

Além de servir de curiosidade para puxar assunto no trabalho, esse dado deveria plantar uma pulga atrás da sua orelha em relação ao futuro do País. Quem

diz isso, nas entrelinhas, são os ganhadores do último Nobel da economia (ou, mais precisamente, do Prêmio Sveriges Riksbank em Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel).

O prêmio deste ano foi concedido na segunda-feira, dia 13, a Joel Mokyr, Philippe Aghion e Peter Howitt, por suas contribuições ao entendimento de como a inovação tecnológica impulsiona o crescimento econômico de longo prazo. Howitt e Aghion são autores do livro “The Economics of Growth” (A Economia do Crescimento, em tradução livre), onde exploram bem o conceito de “destruição criativa”.

Segundo essa teoria, a inovação estimula o crescimento, ainda

que gere significativas perdas para empresas que ficam obsoletas. E onde entram os bancos nisso? Esse avanço depende de investimento em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), que, por sua vez, precisa de um sistema financeiro eficiente.

Temos uma tecnologia bancária invejada no mundo todo. Exportamos o Pix, dominamos os meios de pagamento e nossos bancos registram lucros mais robustos a cada trimestre, mesmo em crises prolongadas.

No entanto, pelo modelo da “destruição criativa”, o sistema financeiro robusto não deveria levar à concentração. Muito pelo contrário, deveria ser o óleo que viabiliza a troca do dinheiro de mãos, levando capital de setores maduros

para iniciativas inovadoras.

Aghion e Howitt mostram que países com bons sistemas financeiros têm maior potencial de crescimento, mas apenas se essas finanças estiverem a serviço da inovação. Um sistema bancário grande pode ser sinal de dinamismo, mas também de captura do crédito privado.

O tratamento dado ao crédito privado no Brasil, aliás, deveria estar no seu radar. Nesta semana, Jamie Dimon, CEO do JPMorgan Chase - o maior banco do planeta fora da China - emitiu um sinal amarelo ao comentar o fato de duas gigantes pedirem falência, deixando dívidas preocupantes penduradas nos bancos dos Estados Unidos.

“Onde há uma barata, prova-

velmente há mais”, disse Dimon, vislumbrando um possível endividamento insustentável de companhias por lá. E, como a história econômica ensina, um espirito em Nova York costuma virar gripe em São Paulo.

O Brasil tem celebrado a expansão do crédito privado, sem muita discussão sobre seu destino. Financiamos consumo, rolagem de dívidas, mas pouco apostamos, de maneira estrutural, em inovação e P&D.

Sem destruição criativa, não há convergência possível - continuaremos país de intermediação, não de invenções que levem ao crescimento econômico. A boa notícia é que temos espaço para explorar isso.

escala

App Banrisul
Moderno mesmo é facilitar a vida.

Baixa o app e abre tua conta.

Farm Show de Dom Pedrito movimentou R\$ 6,44 milhões com venda de animais



A 92ª Exposição Agropecuária de Dom Pedrito (Farm Show) faturou R\$ 6,44 milhões com a comercialização de bovinos e equinos durante a feira, realizada de 11 a 19 de outubro no Parque de Exposições Juvenino Corrêa de Moura. O evento é promovido pela Associação e Sindicato Rural de Dom Pedrito e é considerado uma das principais feiras do agronegócio gaúcho.

Nos remates, 329 animais foram vendidos. Entre eles, 220 reprodutores bovinos renderam R\$ 4,307 milhões, com média de R\$ 19,5 mil cada; 22 fêmeas foram negociadas por R\$ 102 mil, média de R\$ 4,6 mil; e 87 cavalos Crioulos totalizaram R\$ 2,03 milhões, média de R\$ 23,3 mil.

A programação contou com cinco leilões de bovinos das raças Angus, Hereford, Braford e Ultrablack, além de três remates de cavalos Crioulos. “Os leilões tiveram pista limpa e grande liquidez”, destacou o coordenador da Farm

Show, João Antônio Blanco. A maioria das vendas foi feita para criadores gaúchos, mas a qualidade dos animais atraiu compradores de outros Estados.

Apesar da redução no público - 10 mil visitantes, ante 12 mil em 2024 - o volume de negócios surpreendeu positivamente. “A Farm Show 2025 foi mais focada em negócios e cultura, com menos shows, mas todos os 43 expositores saíram satisfeitos e pretendem voltar no próximo ano”, afirmou Blanco, lembrando que empresas de máquinas e implementos agrícolas também comemoraram as vendas.

O presidente do Sindicato Rural, Rodrigo Coradini, destacou a resiliência do setor em um momento de endividamento histórico dos produtores. “O cenário é desafiador, talvez o mais difícil das últimas décadas, mas os remates tiveram excelente liquidez e as vendas superaram as expectativas”, disse.

Além dos leilões, o evento incluiu palestras técnicas, como a do consultor estratégico da Fiergs,



Mostra teve remates de bovinos Angus, Hereford, Braford e Ultrablack, além de equinos Crioulos

Paulo Herrmann, sobre avanços e desafios do agronegócio, e do somelier de carnes André Madruga, que falou sobre qualidade da

carne. A feira também recebeu o Centro de Inteligência do Agronegócio (Centro Agro), iniciativa do Sindicato Rural em parceria com a

Secretaria de Inovação, Ciência e Tecnologia (Sict-RS), que apresentou sete startups de tecnologia e inovação voltadas ao campo.